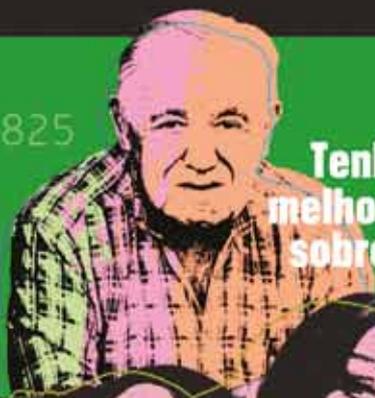




Orgulho
em ser o primeiro

2825



Tenho a
melhor vista
sobre o **rio**

2800

2815



Acredito no
futuro

2829



É o meu
Porto de
Abrigo

2819



Dupla
cheia de
Arte



É uma vida
Dura mas
Feliz

ALMADA

TERRITÓRIO DE MUITOS



2801

Enaltecer a
História
Portuguesa



Regressar
é sempre
um prazer

Vontade em
manter a
Tradição

2806



O nosso
cantinho
é **perfeito**

2826



Aqui estamos
em **Paz**

Índice

3 EDITORIAL

Mensagem de Inês de Medeiros

4 EM ARQUIVO

Ponte 25 de Abril - 60 anos do início da construção

6 ROSTOS

Do amolador à historiadora, dos transformistas à primeira pescadora da Costa ou ao último morador do Cais do Ginjal, nesta edição convidamo-lo a conhecer alguns dos seus vizinhos.

26 EM FOCO

Cante Alentejano

32 ALMADA EM MIM

São José Correia



© Tiago Miranda

Nasci em Lisboa mas vivo no Feijó desde os 10 anos. Fui fundadora da Escola Secundária do Feijó, depois frequentei a Escola Secundária Anselmo de Andrade em Almada. Fiz a minha formação no Instituto Português de Fotografia em Lisboa e aos 20 anos tornei-me fotoperjornalista, iniciando a carreira no Jornal *O Século*. Passei pelas redações do *Diário de Notícias* e de *O Independente*, ao mesmo tempo que colaborava com a agência Associated Press. Desde 2000 que estou no jornal *Expresso*. Já expus por várias vezes e em vários locais os meus trabalhos, individual e colectivamente, e já conquistei alguns prémios, dos quais destaco ter sido distinguida pela Assembleia da República em 2004, com a medalha de ouro comemorativa

do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Desde 2015 que documento o *Cante Alentejano* e já publiquei dois livros, em 2017 "*Cante – Alma do Alentejo*" e em 2021 "*Cuba Cante, Tabernas e Talhas*".

Diz a canção "eu tenho dois amores e não sei de qual gosto mais". É como me sinto em relação a Lisboa e Almada. A Lisboa que eu adoro e conheço bem, é linda, cosmopolita, efervescente, onde estão os meus amigos. Almada a caminho do Alentejo, é misteriosa e surpreendente, tem das melhores praias de Portugal. No Alentejo estão as minhas raízes, em Almada está a minha família, é o meu porto de abrigo.

Ana Baião

p. 26

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada
| Departamento de Comunicação

Diretora: Inês de Medeiros

Diretora-Adjunta: Raquel Antunes

Coordenação: Sara Dias

Consultor Editorial: Paulo Tavares

Editor de Fotografia: Luis Filipe Catarino

Redação: Joana Mendes, Paulo César Teixeira,
Paulo Tavares, Sandra Gomes e Tiago Ferreira

Fotografia: Anabela Luís, Carlos Valadas, Luis Filipe Catarino e Victor Mendes

Paginação: Susana Tormenta

Capa: Carlos Lima

Impressão e distribuição: To spend with you

Tiragem: 120.000 exemplares

Periodicidade: Mensal

Distribuição: Gratuita

ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, art.º 12.º, n.º 1b).

Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

CONTACTOS ÚTEIS

Geral

Tel.: 212 724 000

Gabinete de Atendimento Municipal

Linha Verde Almada Informa - 800 206 770

E-mail: almadainforma@cm-almada.pt

Distribuição da Revista Almada:

distribuicao.revista@cm-almada.pt

Site: cm-almada.pt

f @ /cmalmada

Editorial

Um homem não é uma margem que apenas existe de um ou de outro lado. Um homem é uma ponte ligando as diversas margens.

Mia Couto



Caras e caros municipais,

Neste número recordamos o arranque da construção da Ponte 25 de Abril, que veio permitir o desenvolvimento de Almada e que se tornou um marco identitário das duas cidades que passou a unir. Para além do feito de engenharia, quero deixar aqui uma homenagem aos cerca de 3000 trabalhadores que diariamente a foram erguendo e salientar ainda o valor simbólico da construção de pontes. Num tempo em que o individualismo ganha cada vez mais terreno, criar pontes significa ser capaz de tecer laços de amizade e de solidariedade, de entender a diferença e a identidade de cada um.

Contrariamente ao que seria expectável, as redes sociais não estão a criar comunidade nem comunhão. Seja pelo seu anonimato, seja fruto dos algoritmos que as governam, a verdade é que elas têm contribuído para reforçar distâncias, exacerbar conflitos, fomentar medos e ódios. Sempre procurámos estar rodeados por aqueles que partilham as nossas opiniões e visão do mundo, mas a diferença é que o que eram há décadas círculos de amigos sentados em tertúlias de café, partilhando um determinado gosto musical, uma identidade estilística ou uma ou outra preferência ideológica, são agora

barricadas digitais onde desconhecidos partilham, sobretudo, a oposição a um determinado conjunto de ideias ou, mais grave, a certos grupos de pessoas.

Mantendo uma distância muito pouco saudável em relação aos factos e à verdade, cada um cria a sua própria realidade, assente apenas numa base de opiniões. Quantos de vós, alertando alguém de que está a usar um argumento falso e sem adesão à realidade, já receberam de volta a resposta “isso é a tua opinião, eu tenho a minha”?

E nesta sobrevalorização da opinião individual vamos perdendo o nosso chão coletivo, esse chão sobre o qual se constroem comunidades abertas, criativas e vivas. Nós portugueses sabemos bem quanto o “orgulhosamente sós” nos condenou ao subdesenvolvimento e à miséria durante os anos da ditadura.

O desenvolvimento e consolidação de lógicas identitárias através do ódio também não é um fenómeno novo. É algo de recorrente, talvez até mesmo cíclico, tendo sido precisamente esse o combustível de nacionalismos que

deixaram brutais cicatrizes na Europa do Séc. XX e que vemos de novo em marcha um pouco por todo o mundo. Em Portugal, tendemos a desvalorizar talvez porque continuarmos agarrados ao mito de que somos um “povo de brandos costumes”. A verdade é que também neste aspeto não somos assim tão diferentes dos outros países e por isso devemos estar alerta.

Conhecer o outro, a sua história, os seus desafios, conquistas e derrotas, é parte essencial desse esforço. Criar pontes com o que nos pode ser estranho, é manter viva a curiosidade e celebrar a humanidade em toda a sua diversidade. Nesta edição celebramos essa diversidade e convidamo-lo a conhecer alguns dos seus vizinhos, dos nossos vizinhos. Gentes de todos os recantos da vida, com vidas, caminhos e histórias muito diferentes, mas que escolheram Almada, este território de muitos, e no seu sentido de comunidade encontraram a felicidade de viver juntos.

INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

PONTE

25 DE ABRIL

Texto de Sandra Gomes
Fotografias de José Luís Covita
e Celestino Teixeira (Infraestruturas de Portugal, SA)



Há seis décadas – no dia 5 de novembro de 1962 – arrancava a construção de uma das mais emblemáticas obras de engenharia em Portugal. Com um vão central superior a um quilómetro e um comprimento total de 2,3 quilómetros, a Ponte 25 de Abril é uma das maiores pontes suspensas do mundo.

A profundidade do rio – o pilar principal sul está 80 metros abaixo do nível da água –, o tempo – cada torre de aço demorou cerca de quatro meses a ser implantada – e o peso – os dois cabos principais da ponte pesam cerca de 12 mil toneladas – foram algumas das principais dificuldades na execução desta obra. Inspirada na Ponte de Mackinac, porque um dos projetistas foi o mesmo (David B. Steinman), situada no estado do Michigan e inaugurada em 1957, a Ponte

25 de Abril possui uma das treliças (estrutura composta por unidades triangulares) mais longas do mundo. As torres principais elevam-se cerca de 190 metros acima do nível da água e têm uma altura livre de navegação de 70 metros, que assegura o acesso ao porto de Lisboa a navios de grande porte.

Chegaram a trabalhar, por dia, cerca de 3000 pessoas, dos mais diversos ofícios, na sua construção, entre novembro de 1962 e agosto de 1966. À época da sua inauguração a Ponte 25 de Abril – assim designada a partir de 1974 – era considerada a maior ponte suspensa fora dos Estados Unidos e a quinta maior do mundo. Presentemente a Ponte 25 de Abril é a trigésima segunda ponte suspensa do mundo com o maior vão central.

LEGENDAS:

1 – Construção da Ponte sobre o Tejo em 27 de outubro de 1965. | Créditos: José Luís Covita

2 – Construção da Ponte sobre o Tejo em 2 de abril de 1965. | Créditos: Celestino Teixeira | Infraestruturas de Portugal, SA

3 – Construção da Ponte sobre o Tejo em 18 de dezembro de 1964. | Créditos: Celestino Teixeira | Infraestruturas de Portugal, SA

4 – Construção da Ponte sobre o Tejo em 12 de outubro de 1964. | Créditos: Celestino Teixeira | Infraestruturas de Portugal, SA



5 – Construção da Ponte sobre o Tejo em 13 de abril de 1964. | Créditos: Celestino Teixeira | Infraestruturas de Portugal, SA

6 – Inauguração da Ponte sobre o Tejo em 6 de agosto de 1966. | Créditos: Celestino Teixeira | Infraestruturas de Portugal, SA



HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO A UNIR AS MARGENS DO **TEJO**



Nesta edição celebramos os nossos vizinhos, as gentes que fazem de Almada um território diverso, inclusivo e multicultural, um verdadeiro Território de Muitos.

Num tempo marcado cada vez mais pelo individualismo e pela quebra de velhos laços de proximidade, é bom vermos que a nossa cidade e o nosso concelho são terreno onde essas relações perduram, continuando a ser cultivadas.

Falamos não só do associativismo, que em Almada é a marca de água de uma sociedade civil fervilhante e plena de iniciativa, mas também de muitos locais onde as crianças ainda brincam ou voltaram a brincar na rua, ou de praças e recantos onde os mais velhos vivem o espaço público e mantêm uma vida social activa.

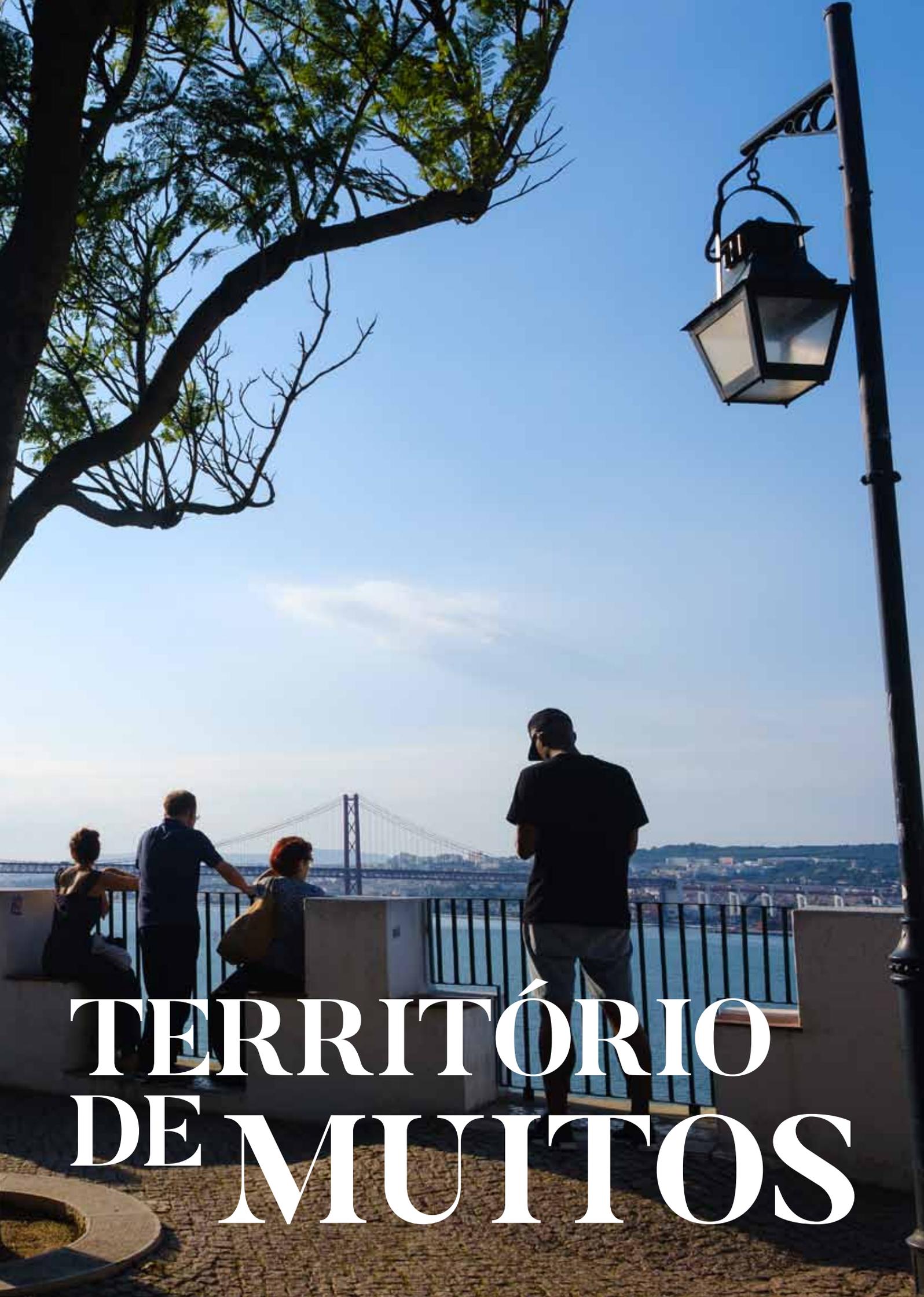
Esta edição da sua revista Almada traz-lhe os rostos e as histórias de alguns desses nossos vizinhos. Vidas contadas na primeira pessoa. Casos de sucesso e superação, como o que relatam Yaroslav e Maria, que escolheram Almada para reconstruir uma vida que deixaram para trás na Ucrânia, ou Fábio e Ivo, um casal que está a um passo de inaugurar a casa dos seus sonhos, perto da praia, e que gere um negócio bem sucedido, sem memória de preconceitos neste nosso território.

Trazemos-lhe ainda as memórias daquela que foi a primeira pescadora com licença oficial deste lado do rio - Maria Júlia -, ou daquele que é hoje o último dos moradores do cais do Ginjal - Virgílio Ferreira Martins - e que ainda se recorda de um passado de indústria e azáfama naquele pedaço de beira-rio.

Vidas tão diferentes quanto as de Bruno e Sandro, que quando cai a noite se transformam, num restaurante do Bairro Alto, em Nicole e Chloé, ou a do alentejano Tó Joaquim, amolador de facas e tesouras que continua agarrado ao guiador da bicicleta e vai soprando uma vida de liberdade, passada nas ruas que escolhe, no plástico gasto da sua flauta de pan, mantendo uma tradição familiar de mais de 200 anos.

Foram estas as histórias e as vidas em que tropeçámos, mas podiam ter sido tantas outras. Num momento de mudança e transformação como estes primeiros dias de outono, festejamos a diferença e a diversidade, a tolerância, a inclusão e a solidariedade. São esses os caminhos de futuro numa comunidade madura como a que temos construído em Almada.





TERRITÓRIO DE MUITOS



O PRIMEIRO PORTAGEIRO DA PONTE



Bernardo Leonel Fernandes é natural de Donai, uma pequena aldeia do distrito de Bragança. Atualmente com 87 anos, começou desde muito cedo a trabalhar para fazer face às dificuldades do meio rural, “com 5 anos já ia buscar água à fonte e lenha seca que encontrava, era o meu dia a dia”.

Texto de Tiago Ferreira
Fotografia de Luis Filipe Catarino

Bernardo, o portageiro n.º 7 da ponte que liga Almada e Lisboa - mas que foi o primeiro a cobrar uma portagem -, não teve um início de vida fácil. Com a tarefa de ajudar a criar o irmão, era



através de uma vizinha que conseguia arranjar algo para comer.

Com a 4.ª classe concluída, Bernardo lembra-se que eram poucas as vezes em que conseguia levar comida para a escola, “tinha um colega que trazia refeição a contar comigo. Cadernos e lápis também eram todos emprestados”.

Com o êxodo rural que marcou aquela época, Bernardo acabou por sair da aldeia. A vinda para Lisboa foi um processo simples, mas confessa que os primeiros tempos foram complicados, “chegou à aldeia uma senhora advogada de Lisboa à procura de uma criada e apanhou a minha irmã. A minha irmã pediu-lhe para me levar e ela aceitou. Saímos de Bragança às oito da noite e chegámos a Lisboa às oito da manhã. Não tinha onde dormir, ela era muito má. Como não gostava da forma como era tratado, acabei por fugir”.

Foi depois apresentado a um senhor que refere como sendo “um pai” para ele. “Era leiteiro e eu ajudava-o a fazer os avios. Nunca mais tive problemas na vida”.

Tudo mudou quando recebeu o primeiro ordenado, com gorjetas incluídas e que foi guardado dentro de uma pequena caixa. Recebeu 280 escudos, revela entre sorrisos, “recebi 200 escudos de gorjetas, nunca mais fui pobre”.

Mais tarde, Bernardo conseguiu com que o comandante dos ferryboats que faziam a travessia entre as duas margens o contratasse, tendo rapidamente sido promovido a subchefe. Quando a ponte começou a ser construída ouviu dizer que “estavam à procura de portageiros. Eu e um amigo combinámos em ir para lá, pois

dizia-se que os barcos iam acabar e nós ficámos com medo”.

Com a inauguração da ponte marcada para agosto de 1966, Bernardo começou a trabalhar em julho com o objetivo de “praticar nas máquinas”. Só que a realidade não foi bem assim, pois foi-lhe dado o cargo de “guarda noturno”. Refere que “tinham de estar dois guardas em Lisboa e outros dois em Almada”. Em relação ao turno, “era das 20h às 8h, passávamos a noite ali. A prática nas máquinas foi essa”. De fato de macaco e capacete, Bernardo acabou por tornar-se num dos guardas da ponte.

O dia da inauguração “foi uma trabalhadeira”, mas Bernardo tinha uma surpresa. Todos os seus antigos colegas dos ferryboats também tinham ingressado como portageiros. Fardado a rigor, acabou por ficar em Alcântara a fiscalizar os convites dos carros que passavam a ponte e, até este momento, Bernardo ainda não tinha colocado os pés dentro da cabine de portagens.

Durante os dois primeiros dias, a travessia da ponte foi gratuita, sendo que apenas no dia 8 de agosto de 1966, a partir das 00:00h, as portagens começaram a funcionar e os portageiros a cobrar a passagem aos automobilistas.

Às 2h da manhã foi cobrada a primeira passagem pela ponte. Uma carrinha que transportava um comerciante de Sintra foi chamada por um agente da P.V.T. [Polícia de Viação e Trânsito] à cabine de Bernardo, tornando-se o primeiro portageiro a cobrar uma passagem, memória esta que ainda hoje está retratada num jornal enquadrado na parede da sala lá de casa.

A alegria com que abre a porta da casa nova anuncia uma conversa com uma mulher grata e de bem com a vida.

A forma como se apresenta confirma-o.

“Boa tarde, eu sou a Tia Dina, tenho 47 anos, vivi 21 no Segundo Torrão e agora estou muito feliz nesta casa de Lisboa”.

Texto de Filomena Marques
Fotografia de Luis Filipe Catarino

Rodrina Sayi integra o grupo de 51 famílias que, até final de setembro, tiveram de sair das suas casas no Bairro do Segundo Torrão, na Trafaria, por motivos de segurança. Quando abriu a porta tinha acabado de ser realojada, com dois dos quatro filhos, num apartamento de três assoalhadas na freguesia de Santa Clara, em Lisboa.

“Vou apresentar-vos a minha casa nova. Com muito gosto!” Sempre preocupada com alguma “desarrumação”, foi mostrando a cozinha, a sala, os dois quartos, roupeiros, casa de banho, varanda... “Já tenho tudo a funcionar, água, luz, máquina de lavar... só falta o frigorífico, mas também se arranja”. E os móveis? “O que tenho aqui, veio tudo do Segundo Torrão, com a ajuda da Câmara. Só falta a cama dos meus filhos, porque estava muito velha, mas já vamos tratar disso, e também vou pôr os cortinados”.

Rodrina é angolana, de Benguela, e veio para Portugal em 2001, quando o marido a “mandou vir”, um ano após a chegada dele. Viveu o primeiro ano na linha de Sintra, no Cacém, e depois foi para o Segundo Torrão onde “tinha umas cunhadas que me arranjaram a primeira casa”. Mais tarde, “eu e o pai dos meus filhos, arranjámos outra casa maior, que nós mesmos construímos”. Quando o casamento começou a correr menos bem, “para evitar certos problemas, saí e arranjei uma só para mim e para os dois filhos mais novos. Ele continuou na mesma casa com o filho Domingos até arranjar outra família”. No dia a dia, estavam todos perto e foram criando os filhos, “sempre à espera de, um dia, ter uma casa a sério”.

Foram 20 anos de espera, 20 anos a alimentar o sonho. “Fiz vários pedidos, mas compreendo que há muita gente e estava destinado que fosse agora”, reconhece, afirmando que nunca esquecerá o dia em que, em julho, “a Dra. Cristina me disse que tinha uma casa para a minha família, em Lisboa”.

Depois, foi gerir a ansiedade durante dois meses até à assinatura do contrato. “As doutoras trabalharam muito

para encontrar soluções para todas as pessoas, eram muitas famílias, e eu até nem estava à espera de uma casa tão boa, pensava que até precisasse de obras”.

Quando abriu a porta, “foi só alegria, chorei muito, porque sou uma chorona, mas sobretudo porque fiquei maravilhada com a casa”. O pior terá sido deixar o bairro. “A despedida dos amigos custou muito, porque no bairro somos uma família e todos me chamam Tia Dina, velhos e crianças. Eu era feliz lá, mas nada como entrar nesta casa, um sonho que vou agradecer sempre à Câmara de Almada”, reconhece.

E agora? “Agora, é só futuro. Vou alguns dias para Almada porque a vida ainda é lá, mas vou tentar orientar o meu trabalho por aqui”, explica a mais conhecida vendedora de amendoins torrados do Segundo Torrão.

A possibilidade de regressar um dia a Almada, assim que estiverem construídas as 95 habitações que a CMA destinou ao realojamento das famílias do Segundo Torrão, também agrada a Tia Dina. “Nós estávamos a pensar que saíamos do bairro para uma casa em Almada, mas temos de compreender o perigo que estávamos a correr sobre a vala e não me importo de ficar aqui três anos”.

Os filhos são os dois jogadores de futebol. O Hernâni joga no Costa [da Caparica] e, “por isso, é o que está com mais dificuldades em se adaptar a Lisboa e aos transportes”, o Jaime “está muito feliz, joga no Alverca e já conhecia bem estes caminhos”.

E de onde vem esta alegria da Tia Dina? “O que importa é ter boa disposição e muita fé em Deus. Quando isso acontece, temos a alma pura e passamos essa boa energia para os outros”. Perguntamos se, agora, nada lhe falta. Diz que “gostava que esta felicidade que tenho, que vem mesmo de dentro, as outras pessoas do Segundo Torrão também tivessem. Sei que vai demorar, mas vamos conseguir!”



UMA MULHER DE
“ALMA PURA”

Virgílio Ferreira Martins nasceu em Vouzela há 86 anos e mora há mais de 50 no Cais do Ginjal. É um dos últimos, se não mesmo o único dos moradores com uma história ligada àquele que chegou a ser um dos principais pólos industriais do concelho.

Texto de Paulo Tavares
Fotografia de Luis Filipe Catarino

Como tantos miúdos naquele tempo, Virgílio pouco estudou e com 12 anos estava a caminho de Lisboa para trabalhar numa mercearia. Não se deu bem e regressou à terra, para voltar de vez para a capital anos mais tarde. " Vim outra vez para cá aos 18 anos, para trabalhar em padarias - trabalhei em várias -, até que fui ali à rua do Arsenal, inscrever-me para vir para aqui."

"Ali" é a outra margem e "aqui" significa os antigos estaleiros de Olho de Boi, na ponta mais a oeste do Cais do Ginjal. Virgílio passou o rio para este lado e deixou as padarias para trabalhar na Companhia Portuguesa de Pesca. "Trabalhava nas pinturas, nas amarrações dos barcos, tudo isso."

Conversámos longos minutos. Eu na rua e Virgílio no alto da janela do seu rés-do-chão. Foi dali que assistiu à história daquele cais. "Saíam daqui 26 barcos de pesca. Eram preparados, iam lá abaixo meter mais material, mantimentos e assim, e depois saíam. Andavam um mês no mar e voltavam aqui outra vez."

Foram 15 anos passados nesse vai e vem, num trabalho que foi como que uma vida. "Sempre aqui vivi, como outros, porque fazia parte, era na condição de estarmos sempre disponíveis. Os navios quando saíam, se chegassem lá abaixo a Cascais e voltassem para trás, nós tínhamos de estar aqui para os receber. Estávamos 24 horas ao serviço da companhia, se fosse preciso... foi essa a condição para nos darem habitação aqui e sem pagarmos nada."

Virgílio vai apontando com os olhos os pontos cardeais de um tempo que se perdeu. "Ali em baixo era a Arealva, dos vinhos [Quinta da Arealva / Sociedade Vinícola Sul de Portugal]. Tinha lá à volta de 80 a 100 pessoas a trabalhar. Depois, o Grémio [Grémio Nacional dos Armadores da Pesca do Bacalhau] tinha umas 800 pessoas e nós aqui [Companhia Portuguesa de Pesca] tínhamos setecentas e tal."

Longe do centro da cidade, eram quase autosuficientes. Olhando para os armazéns à beira-rio, Virgílio conta que por ali faziam de tudo. "Tínhamos carpintaria, caldeiraria, eletricitas, tudo. Aqui nesta porta ao lado, era o café. Ali em cima era a carpintaria. Lá mais para cima, era a mercearia e logo a seguir era a peixaria, onde o pessoal se abastecia." Virgílio lembra como se mantinha toda

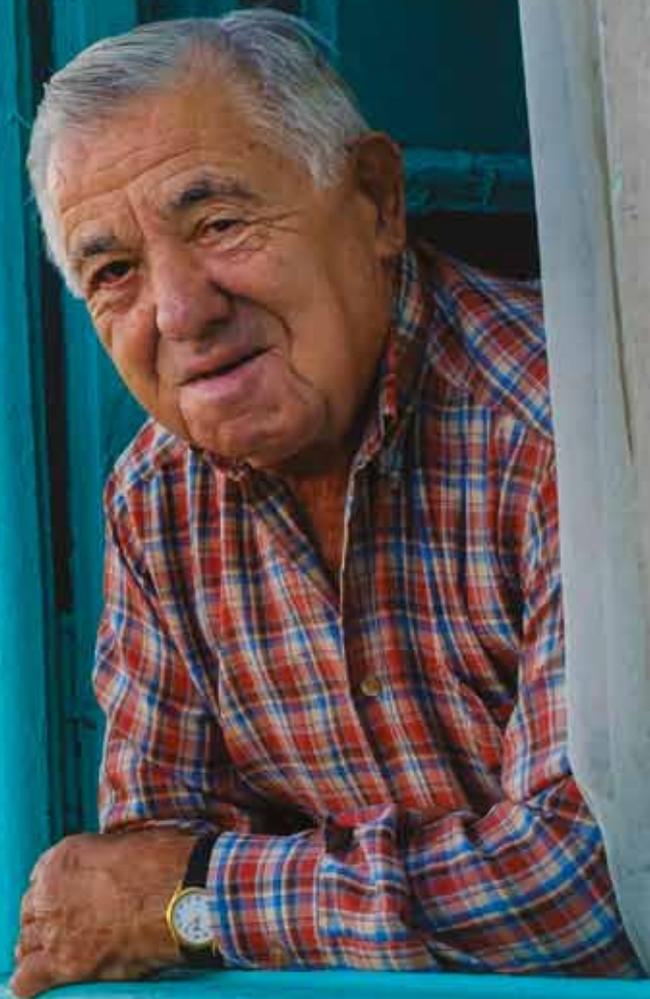
aquela gente. "Eu pertenci à parte da mercearia e da peixaria. Fazia parte da direção e mais um rapaz que tinha uma carrinha íamos à quinta-feira à Feira da Malveira. Saíamos daqui à uma ou duas da manhã e comprávamos lá feijão e tudo... a carrinha vinha cheia de material que vendíamos aqui mais barato."

Aquele modo de vida acabou em 1983, com o esmorecer das frotas de pesca, mas Virgílio nunca dali saiu. Foi no Cais do Ginjal que casou e criou família, "três filhos. Já está tudo arrumado e com a vida feita".

Há mais de 25 anos que por ali vive sozinho, "desde que a minha mulher morreu" e está sem vizinhos há mais de 20 anos. Aos 86 anos mantém um único vício. "Saio todos os dias para comprar o jornal, é o vício que eu tenho. Umas vezes vou comprar a Lisboa, outras compro aqui em Cacilhas". Diz quem o conhece e o vê passar - e ele confirma -, que não há dia em que fique em casa. "Todos os dias saio daqui às 7h30 e vou por aí a fora... atravesso o barco e vou a Lisboa. Umas vezes vou ao Continente, outras ao Colombo."

Embalado pelas ondas de um Tejo quase mar, Virgílio conta que todos os dias, por volta da meia-noite, fica por ali "sem ninguém". Garante estar habituado. "Não me faz diferença nenhuma. Ponho-me a ver televisão até onze e meia, desligo e pronto. Durmo sempre seguido até às seis da manhã, aqui embalado pelas ondas do rio."

MORADOR DE UM TEMPO PERDIDO



PROFETA DA



CHUVA

Entre os sons habituais de uma cidade agitada, irrompe uma melodia quase hipnótica. Sons agudos que chegam aos ouvidos, convidando a espreitar quem lá vem. Há certamente quem ainda se lembre de ouvir este “assobio” e de seguida um “amanhã vai chover!”.

Texto de Paulo Teixeira
Fotografia de Carlos Valadas

Ao fundo, de boina e colete, empurrando a sua “bicicleta-oficina”, vem **António Joaquim Magalhães Loureiro**, o amolador. “Por estas bandas é Tó J’quim. No Norte, é Alentejano.” Nascido em Montemor-o-Novo há 59 anos, cedo viu que “não dava para a escola”, ficando pela antiga terceira classe.

“Se quiser ir aqui para trás desta rua apitar a minha gaita, vou”

Enquanto afia uma pequena tesoura “de qualidade”, como garante, António Joaquim vai contando algumas das histórias que guarda.

Ele e os irmãos herdaram esta profissão, que atravessou gerações e “já tem mais de 200 anos na família”. Quando questionado sobre a hipótese de ter outro ofício, António Joaquim garante que “não trocava esta profissão por nada. Eu gosto muito de fazer isto e tem uma coisa boa, ninguém manda na gente (risos). Vou para onde quero! Se quiser ir aqui para trás desta rua apitar a minha gaita, vou”.

Apesar dos 40 anos de dedicação e paixão por esta arte, confessa que nem tudo é motivo de sorrisos. “Se não aparecerem fregueses, não ganho para comer” e muitas vezes é preciso fazer muitos quilómetros para os encontrar. “Trabalha-se mais no Norte. Lamego, Vila Real, Chaves, Figueira da Foz, Aveiro, Espinho, Povoia do Varzim e Viana do Castelo. Também faço o resto do país, menos o Algarve. O Algarve é para os turistas, não é para os amoladores (risos)!”

A busca por clientes noutras regiões não é coisa de agora, sempre assim foi. Conta que o avô chegava ao pé da mulher e dizia: “Eulália, eu vou trabalhar, já sabes como é... dois ou três meses no Norte. O meu pai já era mais caseiro, já não saía tanto de ao pé da minha mãe. Ia trabalhar, mas regressava sempre a casa”. No entanto, foram as viagens do pai que motivaram a vinda da sua família para o Laranjeiro e, mais tarde, para o Pragal, onde reside atualmente.

Quando falamos na profissão de amolador, falamos de um ofício que poucos parecem dispostos a aprender e, talvez por isso, parece ser um ofício em vias de extinção. “Não há continuidade, os filhos já não querem.”

“Ninguém consegue amolar uma tesoura tão bem como um amolador de rua”

Mas, numa altura em que a economia circular é tema nas agendas ambientalistas, não haverá um novo fôlego para o ressurgimento e modernização de profissões como esta? Pelas mãos destes artesãos, “facas, tesouras e outros objetos de corte, chapéus de chuva, alicates das unhas, tesouras de relva, máquinas de relva, tesouras da poda, panelas e tachos e outras coisas”, podem ganhar uma nova vida. António Joaquim afirma mesmo que “ninguém consegue amolar uma tesoura tão bem como um amolador de rua. Como é artesanal, feito à mão, nós trabalhamos com a velocidade que queremos, tudo ao pormenor, não tem nada a ver com o que é feito com máquinas elétricas.” Além disso, “conseguimos distinguir as peças boas das más. Assim que elas tocam aqui em cima do esmeril conseguimos ver se é boa ou se não presta. Esta tesoura, por exemplo deita faísca, é aço. E há tesouras que você mete aqui e só lhe saltam bocados para a vista”.

Acabada de afiar a pequena tesoura e sem mais fregueses de momento, é hora de partir para outra paragem. Se vamos continuar a ouvir a flauta do “Profeta da Chuva”, os novos tempos o dirão.

UM CÉU DE ESPERANÇAS

Yaroslav e Maria são cidadãos do oeste ucraniano que vieram para Portugal em busca de uma nova vida. Yaroslav chegou há 8 anos, tendo Maria seguido os seus passos 2 anos mais tarde. “Em 2014, quando invadiram a Crimeia, optei logo por sair da Ucrânia. Acho impressionante que, no século XXI, aconteçam estas coisas”.

Texto de Tiago Ferreira
Fotografia de Victor Mendes

Yaroslav Pron, 35 anos, é formado em engenharia de petróleo e trabalhava numa petrolífera. Agora, em Portugal, trabalha no restaurante “Galeria”, na Cova da Piedade. Maria Koval, 38 anos, trabalha nas limpezas e repartem, entre ambos, o tempo com o filho Daniel, de 3 anos. “Estive cá sozinho, depois convidei a Maria e ela veio. Casámos em Portugal e o filho também nasceu cá”.

Slavik, como alguns portugueses o tratam, revela que não escolheu o país para onde ia, mas foram as oportunidades que o trouxeram até Almada. “A minha tia mora em Lisboa e antes de chegar combinei com um senhor ucraniano para trabalhar aqui. Morei lá apenas um mês e depois mudei-me para Almada.”

Yaroslav fala português sem qualquer problema. Conta que “desde que cheguei, aprendi duas palavras por dia, todos os dias. Quando ouvia os portugueses a falar dizia que queria aprender aquela palavra. Não aprendi a ler ou a ver televisão porque não tinha tempo, a minha opção era aprender enquanto ouvia”. Maria, apesar de não falar tão bem, consegue entender a

nossa conversa. Diz, em português, que o filho Daniel também fala português, para além de ucraniano, russo e um pouco de inglês. “Quando ouve as pessoas a falarem português, fala português. Quando ouve ucraniano, fala ucraniano. Ele consegue entender”, acrescenta Yaroslav.

Em relação à Ucrânia, diz-se preocupado perante o que está a acontecer, “espero bem que isto acabe o mais depressa possível. Ninguém acredita no que está a acontecer”. Maria intercala para confessar que sente falta da sua terra, “famos de férias este ano, já não vamos à Ucrânia há 4 anos. O Daniel só foi à Ucrânia quando estava na barriga da mãe”. Daniel, que brinca com um carro verde, compreende do que se fala e enquanto Maria termina, coloca-se no colo dela, demonstrando um carinho notável. Minutos depois, Yaroslav confessa que sente saudades dos pais e dos avós, que permanecem na sua terra natal, enquanto que Maria revela que perdeu recentemente a mãe e que não foi possível ir ao país por conta do pequeno Daniel que, quando ouve o seu nome, fita a mãe e sorri. Sobre Portugal, Yaroslav afirma que gosta do seu trabalho, do povo e do

clima. Em relação a este último, confessa que aguenta melhor o frio da Ucrânia, “no inverno, mesmo com -25°, eu gostava de andar na rua a respirar aquele ar seco. Aqui já não, a humidade do frio vai até aos ossos”, diz entre sorrisos. Numa reflexão própria, expressa gratidão relativamente à sua vida, “neste momento, acho que está tudo bem. Claro que toda a gente quer melhorar a vida, mas para já não tenho razão de queixa. Estamos tranquilos aqui, dormimos sem ouvir sirenes”.

Sobre a situação atual e o futuro da Ucrânia, Yaroslav demonstra alguma confiança, “há uma pessoa que tem culpa nisto. Com as ajudas da Europa e do resto do mundo vamos conseguir combater e conseguir vencer. É o futuro da Ucrânia”. Por fim, Maria deixa uma mensagem em ucraniano, prontamente interpretada por Yaroslav, “desejamos que os ucranianos combatam esta guerra o mais rápido possível e também agradecemos aos portugueses pela ajuda e por receberem os refugiados. Por parte dos ucranianos, agradecemos-vos por nos terem recebido de uma maneira espetacular. No início, quando és refugiado, não podes ter tudo, mas nas coisas básicas ajudam por completo.”



DA AZÁFAMA PROFISSIONAL À TRANQUILIDADE DA CASA

"É BOM VIVER EM ALMADA"

A poucas semanas de iniciarem uma nova etapa das suas vidas, Fábio e Ivo – colegas de profissão e cúmplices no amor – explicam porque é especial viver em Almada.

Texto de Sandra Gomes
Fotografia de Victor Mendes

Uma casa perto da praia. Este é um dos projetos de vida a dois que Fábio Oliveira e Ivo Augusto vão concretizar em breve. Conheceram-se enquanto colegas de profissão – ambos cabeleireiros –, apaixonaram-se e casaram há cerca de um ano e meio. Vivem desde então na Trafaria, mas contam os dias para estarem finalmente na nova casa – na Charneca de Caparica – “o nosso cantinho perfeito”, como descreve Fábio, onde vão poder “usufruir de toda a tranquilidade e conforto depois da azáfama de um dia muito preenchido profissionalmente”. Fábio sempre viveu na Trafaria. Ali brincou, estudou e viveu as tradições da vila onde o Tejo se faz ao mar. Participou nas marchas populares desde o primeiro ano como mascote, ainda na década de 1990, até há cerca de dez anos. “Trabalhávamos o ano inteiro em várias atividades para angariar dinheiro para realizar a marcha.” Uma tradição familiar que unia a comunidade.

“Ainda hoje se mantém o espírito de bairro na Trafaria”, adianta Fábio para quem há uma grande diferença entre os sobrinhos e a maioria dos adolescentes. “Ali ainda vemos as crianças a brincar na rua, à apanhada ou às escondidas, tal como quando era mais novo. Todos se conhecem e os vizinhos entreadjudam-se.” Além da qualidade de vida, descrita por

Ivo, “há também a restauração de grande qualidade, o rio Tejo e a vista sobre a outra margem. Quem não conhece a Trafaria quando aqui chega fica encantado.” Depois de trabalhar em vários salões, há dez anos Fábio decidiu, juntamente com o seu sócio, abrir um espaço em Almada – o 5.ª Avenida Hair Studio. O ofício surgiu por acaso na vida do almadense que, desde muito novo, aspirava ser arquiteto. Hoje faz da sua profissão uma arte à qual dedica muitas horas do dia. “Gosto de viver neste reboliço, sempre com muito trabalho. Agora são só 12 horas, mas já foram muito mais”, confessa.

Também para Ivo “não há monotonia nesta profissão. De segunda a sexta sou formador de uma marca de cosméticos e viajo por todo o país – centro, sul e Açores –, ao sábado estou no salão em Lisboa.” A residir em Almada apenas há um ano e meio, a proximidade das praias é algo que Ivo aprecia e valoriza. “Senti muita diferença quando vim morar para esta margem. Sempre vim para as praias da Costa da Caparica quando morava em Lisboa e até mesmo quando me mudei para a Malveira. Agora, em 5 minutos estou na praia. É incrível!” Além das praias, das zonas ribeirinhas e dos restaurantes da Trafaria e de Cacilhas, o Parque da Paz – “o Central Park de Almada” como é apelidado por Fábio e Ivo – é outro dos

locais de eleição do casal para passear. “É bom viver aqui e saborear, cada vez mais, a tranquilidade e qualidade de vida que o concelho oferece.”

A escolha do local para viverem foi natural. Decidiram estabelecer raízes na Charneca de Caparica e estão quase a terminar a requalificação da futura moradia, para onde esperam mudar-se até ao início do próximo ano com os seus dois gatos egípcios, os manos Matilde e Xavier com quase dois anos, que completam o núcleo familiar.

Sobre o preconceito, garantem que é algo que nunca sentiram. “As nossas famílias sempre nos respeitaram. Somos uns sortudos. Isso faz com que sejamos mais felizes e estejamos em paz”, assegura Fábio. “Inclusão não é sobre abolir as diferenças. É sobre aceitá-las, valorizá-las e, sobretudo, respeitá-las” defende Ivo que desde há alguns meses integra o projeto de formação “Beleza em todas as suas formas”, que tem como objetivo formar pessoas com Trissomia 21, preparando-as para o mercado de trabalho. “É um dos projetos mais bonitos da minha vida profissional”, confessa. “O maior sonho deles é serem cabeleireiros... e vão conseguir! Há uns anos sonhava exatamente com o mesmo. Agora é a minha vez de ajudar estas pessoas a alcançar o seu sonho.”



MULHER

Maria Júlia Duarte,
nascida na Fonte da Telha há 74 anos
- parto em casa, à boa maneira
de antigamente -, foi a primeira
pescadora “do Tejo para cá” a
ter Cédula de Inscrição Marítima.

Texto de Paulo Teixeira
Fotografia de Carlos Valadas



DO MAR

O documento, de outubro de 1977, está religiosamente guardado num envelope, junto a tantas outras recordações, como uma página do *Expresso* de 28 de outubro de 1978, que conta um pouco da história da jovem Júlia, então com 29 anos. À medida que vai partilhando a sua história, Maria Júlia deixa o olhar revelar uma vida dura, mas feliz, que lhe foi sorrindo cada vez mais ao longo do tempo. "A pesca é uma vida muito dura, mas tive uma vida muito feliz."

A paixão pelo mar vem de há muitos anos, mas os pais de Maria Júlia não achavam muita piada à ideia de deixar a filha ir para o mar sozinha com outros homens.

João e Virgínia Figueiredo, pai e mãe da pescadora, foram criados na Charneca da Caparica. João vinha de uma vida ligada ao trabalho e cultivou que fazia na quinta da mãe, em Vale Figueira. Depois de casados vieram morar para a Fonte da Telha, "para uma barraquinha", onde montaram um negócio próprio, que "além de taberna, era mercearia e restaurante, e era lá que os pescadores que cá moravam iam aviar-se". A venda era fiada no inverno e "os pescadores esperavam pelo verão para ganhar mais algum para poder pagar ao meu pai".

"Comecei a ser pescadora e a andar ao mar com o meu marido e durante muitos anos andei ao mar sozinha com ele"

Aos 19 anos Maria Júlia casou e tudo mudou. O marido era pescador e foi com ele que começou a sua grande aventura. "Comecei a ser pescadora e a andar ao mar com o meu marido e durante muitos anos andei ao mar sozinha com ele." No início, os recursos eram poucos e "não havia dinheiro para comprar as redes". Tudo o que tinham era um pequeno barco e muita força de vontade. Mais tarde, com o dinheiro que conseguiram juntar, compraram um barco maior, "uma rede de emalhar e 3 redes de linguado, e era o que a gente andava a pescar".

"Antigamente, aqui só se pescava de verão. Chegava ao inverno, ia para a Lagoa de Albufeira pescar, vinha aos fins de semana cá a casa, para lavar a roupa e fazer os avios. Vinha de bicicleta com o meu marido. Depois comprei uma bicicleta para mim (risos) e já vinha cada um na sua bicicleta. Assim fazia a minha vida. O verão aqui e o inverno lá na Lagoa de Albufeira. Havia muitos dias de verão que saía [para o mar] às 7 horas da tarde e levava petisco; a gente largava a rede e depois ia comer. Depois quando eram aí umas 5 ou 6 da manhã, recolhíamos a rede, chegava aqui e vendia o peixinho aos turistas."

"Apanhei grandes maresias e grandes tempestades, mas nunca tive medo"

Maria Júlia teve dois filhos e uma filha e, mesmo grávida, nunca parou de trabalhar. Conta que um dos episódios mais complicados da sua vida de pescadora, ainda grávida da filha "de uns quatro meses, a sair ao mar, fui ao fundo. Veio uma onda e encheu o barco de água, logo na rebentação. Os meus remos foram parar à água. O meu marido nunca largou os remos dele e tentou sempre equilibrar o barco", para que não corresse o risco de espetar um suporte de remo na cabeça. "Apanhei grandes maresias e grandes tempestades, mas nunca tive medo." Apesar do filho mais velho e da filha não quererem seguir os seus passos, o filho mais novo está atualmente ao leme do negócio. Garante que "ele aprendeu bem a arte da pesca, saber onde largar a rede, se é rede mais larga ou mais estreita. É um grande pescador".

Viúva há cinco anos, "Julinha" - nome pelo qual é carinhosamente conhecida -, chegou a ter 30 homens e mulheres a seu cargo. Hoje vive uma vida bem mais pacata, longe das aventuras de outros tempos. Dedicou-se à casa, ao jardim que tem no quintal, faz *crochet*, pinta quadros e ainda prepara as refeições para os filhos, que a visitam regularmente. Ainda assim, sente-se bastante ativa e garante que "uma boa dona de casa tem sempre muito para fazer".

A ARTE DO TRANSFORMISMO

Durante o dia, Bruno e Sandro são cabeleireiros num salão próprio no centro de Almada. À noite, apostam numa outra arte: o transformismo.

Texto de Tiago Ferreira
Fotografia de Luis Filipe Catarino

Bruno entrou nesta arte há 25 anos “por brincadeira”. Nicole Vartin, como é conhecido no mundo do transformismo, revela a natureza e perspicácia do deslumbre, o palco e o sentimento de agradar ao público como os principais fatores para esta opção. Conta ainda que também gosta da sensação que o transformismo impõe nas pessoas “ao saberem que nós não somos aquilo que ali está, que é tudo uma ilusão”.

Sandro começou na área do transformismo há 4 anos e tem uma história diferente da de Bruno. Chloé Di Fendi, como é conhecido nesta arte, revela que nunca sentiu preconceito, pois “sempre me respeitaram e levaram o meu trabalho muito a sério”. Confessa, ainda assim, que “não gostava da área do transformismo” e que, tal como Bruno, tudo começou com uma brincadeira.

A família e os amigos aceitam a escolha de ambos e não são um problema. Contudo, como revela Bruno, “há 25 anos foi mais difícil, porque o transformismo era malvisto. Quem não conhecia não queria conhecer e quem ouvia falar pensava que tinha alguma relação com a área da prostituição, daí ser mais difícil no passado”.

Com a abertura de novos espaços de divulgação desta arte, o conhecimento tornou-se maior. “Antigamente quem quisesse ver um espetáculo de transformismo teria que ir a um bar gay ou a uma discoteca gay. Nós trabalhamos num restaurante de porta aberta e quem passa na rua vê o que se passa lá dentro, vê o espetáculo”, diz Bruno, enquanto Sandro completa dizendo que o público alvo dos espetáculos de ambos é o público heterossexual.

“Quando uma pessoa assiste a um espetáculo de transformismo bem feito sai a dizer que é uma arte”.

Quanto a inspirações, Sandro conta que Chloé ficou conhecida por fazer de Whitney Houston e Édith Piaf, revelando que gosta que “identifiquem essas figuras em mim”. Por outro lado, Bruno revela que muitas das suas inspirações são as pessoas com quem já trabalhou, contudo, confessa que “o que nós temos como inspiração é aquilo que consideramos ser uma mulher perfeita”.

Graças às redes sociais, hoje é tudo mais facilitado. Com esta nova era de informação, “felizmente as coisas foram mudando e as pessoas foram tendo mais conhecimento de causa, tendo começado a ver que não era o que pensavam. Com a ajuda de alguns programas televisivos as coisas tornaram-se um pouco mais fáceis de ser vistas, embora tenham entrado por um caminho que não é o que nós fazemos. Deixou de ser visto como um espetáculo para ser visto como uma animação”.

“Não nos regemos em prol da imagem que criámos, pois aquilo é uma personagem, mas acaba por ser uma segunda vida. Por termos uma máscara podemos agir de uma outra forma, utilizamos mais o nosso alter ego”.

Sobre projetos futuros, Sandro revela que esteve recentemente na Polónia a fazer um filme, que sai em abril no Canal+ [canal televisivo francês], e conta que “a produtora foi ver um espetáculo nosso, gostou de mim e contratou-me. Entretanto fui para a Polónia e fiz as filmagens. O filme fala sobre várias culturas e vários géneros, vai ser super giro”. Atualmente, Sandro também está retratado na fachada do teatro S. Luiz, em Lisboa, onde é a cara da “Gala Abraço” e em 2021 ganhou um concurso de talentos da área do transformismo na Academia de Santo Amaro.

Para quem quiser ver Bruno e Sandro, o Restaurante *Manny’s Place*, no Bairro Alto, é o local ideal. Nicole Vartin e Chloé Di Fendi atuam todos os dias, exceto à segunda-feira, num conceito de *dinner and show*.



PIONEIRA DA HISTÓRIA DA TECNOLOGIA

Almada fez parte da sua vida desde sempre. Historiadora num universo de engenheiros e cientistas, Maria Paula Diogo é uma referência no estudo da tecnologia e faz questão de afirmar a história portuguesa no contexto europeu.

Texto de Sandra Gomes
Fotografia de Carlos Valadas

Há 37 anos aceitou o desafio de ser historiadora e docente numa faculdade de ciências e engenharia. “Era uma oportunidade excessivamente empolgante. Pensar a sociedade contemporânea através de pessoas formadas do ponto de vista técnico.”

Apaixonada pela História da Ciência e, sobretudo, da Tecnologia – a partir da década de 1930 e que ganhou expressão após a Segunda Guerra Mundial –, a investigadora é responsável pelo Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade NOVA (FCT-NOVA), na Caparica.

“A tecnologia não teve sempre o mesmo papel na sociedade europeia”, afirma Maria Paula Diogo, sublinhando que “a forma como a vemos e a sua importância não é igual em todos os pontos do globo. Essa diferença, que é dada pelo espaço e pelo tempo na história, é algo que os alunos muitas vezes nunca pensaram”. Mais do que a história das máquinas, das infraestruturas ou dos sistemas técnicos, esta investigadora estuda a tecnologia “do ponto de vista das pessoas que a inventaram, que a concretizaram e tornaram possível em termos de mercado, que a usaram e criticaram.”

É em Almada que tem passado grande parte da sua vida. “Sinto-me perfeitamente integrada neste território e interessou-me por ele. Na minha infância e adolescência a melhor parte do ano, os quatro meses de férias de verão, era passado nesta margem do Tejo, entre a Trafaria, onde os meus pais tinham uma casa, e a Costa da Caparica, onde ia de bicicleta com os meus primos.

Ainda hoje só faço praia em São João da Caparica.”

Além de atravessar diariamente a ponte em direção ao Campus da FCT, acompanhada de outros colegas e alguns alunos, transformando muitas vezes a sua viatura “numa espécie de autocarro escolar”, gosta de visitar a Casa da Cerca “para conhecer as exposições de arte e apreciar a sua magnífica vista”, mas também de saborear a gastronomia, especialmente nos restaurantes da Trafaria e de Cacilhas.

Estudar o passado para compreender o presente

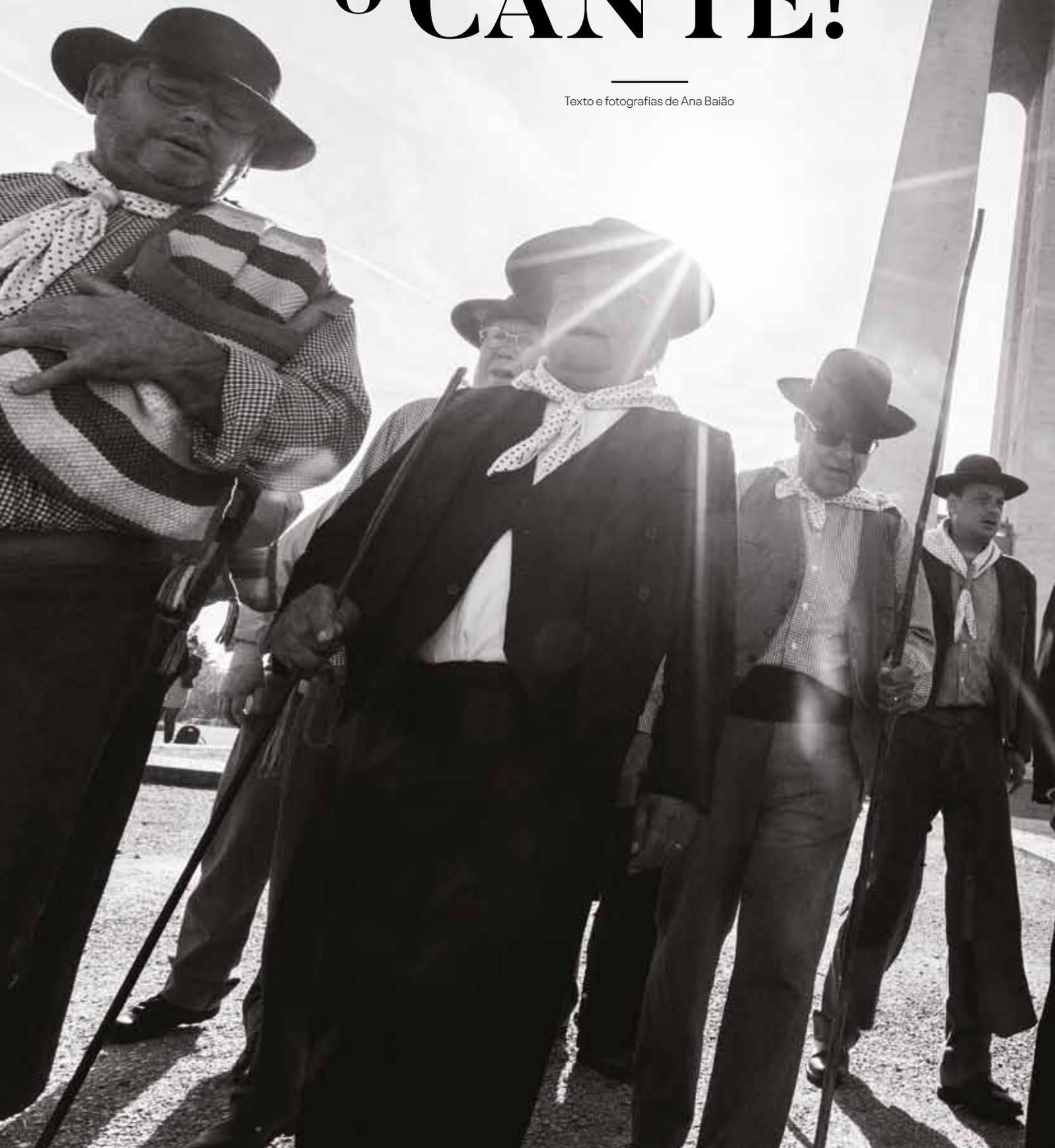
Uma das apostas da historiadora tem sido dar a conhecer a história da tecnologia portuguesa. Defende que “o facto de não termos um Galileu em Portugal não quer dizer que não tenhamos história da ciência e da tecnologia. Todos os países são importantes para contar esta história.”

Maria Paula Diogo alerta ainda para a mudança de paradigma na investigação, defendendo que é necessário antecipar o que vai acontecer através de equipas multidisciplinares. E lança algumas questões: “Como é que nós agimos, enquanto cientistas e engenheiros, na configuração do tecido tecnológico que temos? Qual é a nossa margem de recuo atualmente? Somos investigadores, mas antes de tudo somos cidadãos.” Entre as várias distinções que tem recebido, no final de setembro foi oradora da Kranzberg Memorial Lecture, a mais alta distinção internacional concedida a um historiador da tecnologia, atribuída pela primeira vez a um português. “É uma forma de retribuir à FCT aquilo que me deu durante todos estes anos. É também um reconhecimento dos mais jovens, que é possível continuar a trabalhar nesta área.”

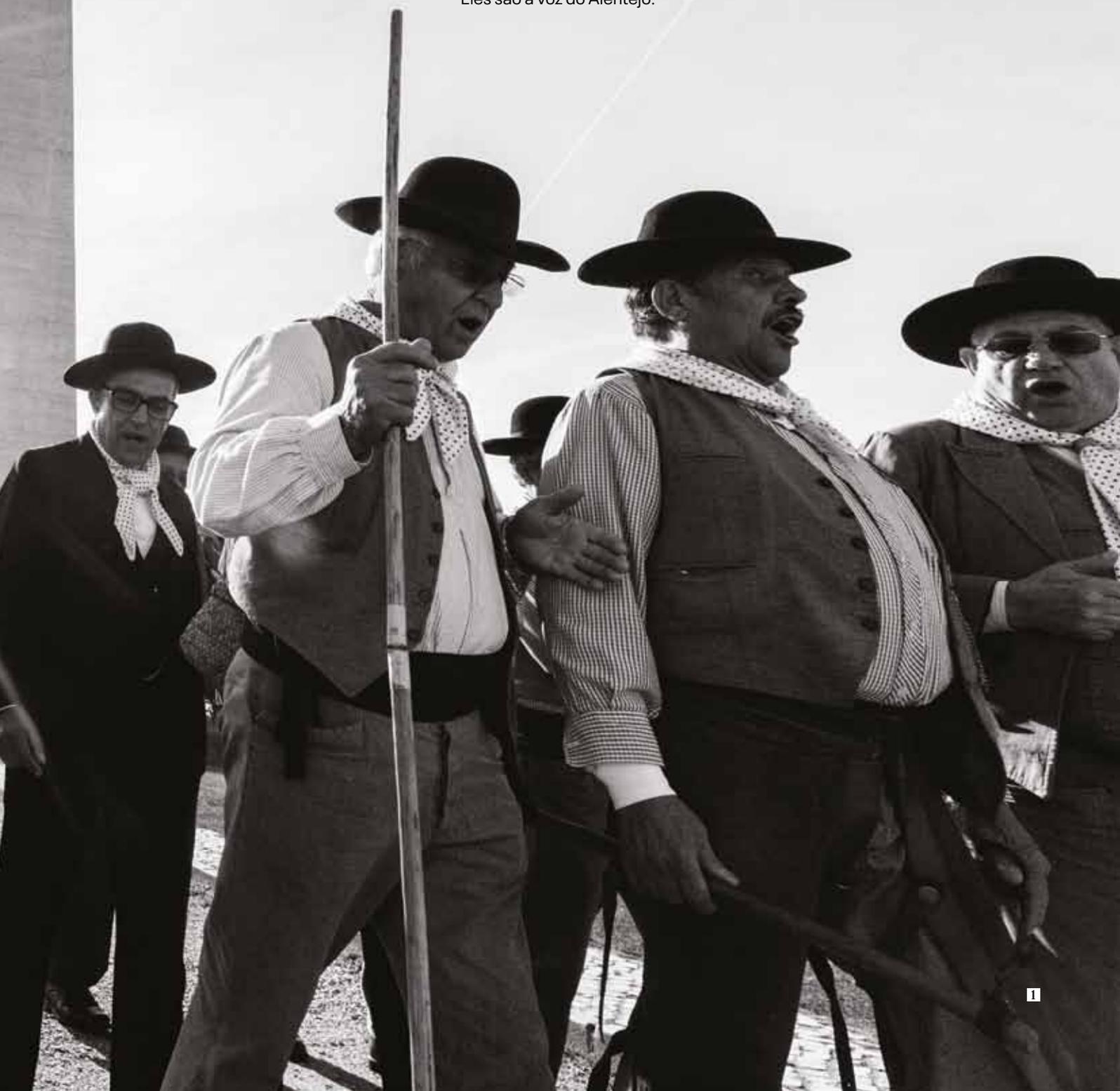


SILÊNCIO, QUE SE OUVE O CANTE!

—
Texto e fotografias de Ana Baião



Novembro é mês de ouvir, celebrar e aplaudir o Cante Alentejano. Desde que foi classificado como Património Imaterial e Cultural da Humanidade pela UNESCO, a 27 de novembro de 2014, a responsabilidade sobre este legado português aumentou. O Cante deixou de ser a música tradicional do Alentejo, para pertencer ao Mundo. O Plano de Salvaguarda da UNESCO diz que o devemos proteger, dar a conhecer e transmitir às gerações vindouras. Em Almada, concelho onde muitos alentejanos encontraram trabalho e fixaram residência, a sua defesa e divulgação é feita por quatro grupos: o Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Feijó, o Grupo Coral Feminino Alentejano Recordar a Mocidade, o Grupo Coral Feminino Cantadeiras da Essência Alentejana e o Grupo Juvenil de Cante Alentejano da Diáspora em Almada. Os rostos aqui retratados refletem a seriedade e o orgulho dos seus praticantes, testemunho de um património vivo. Eles são a voz do Alentejo.





2



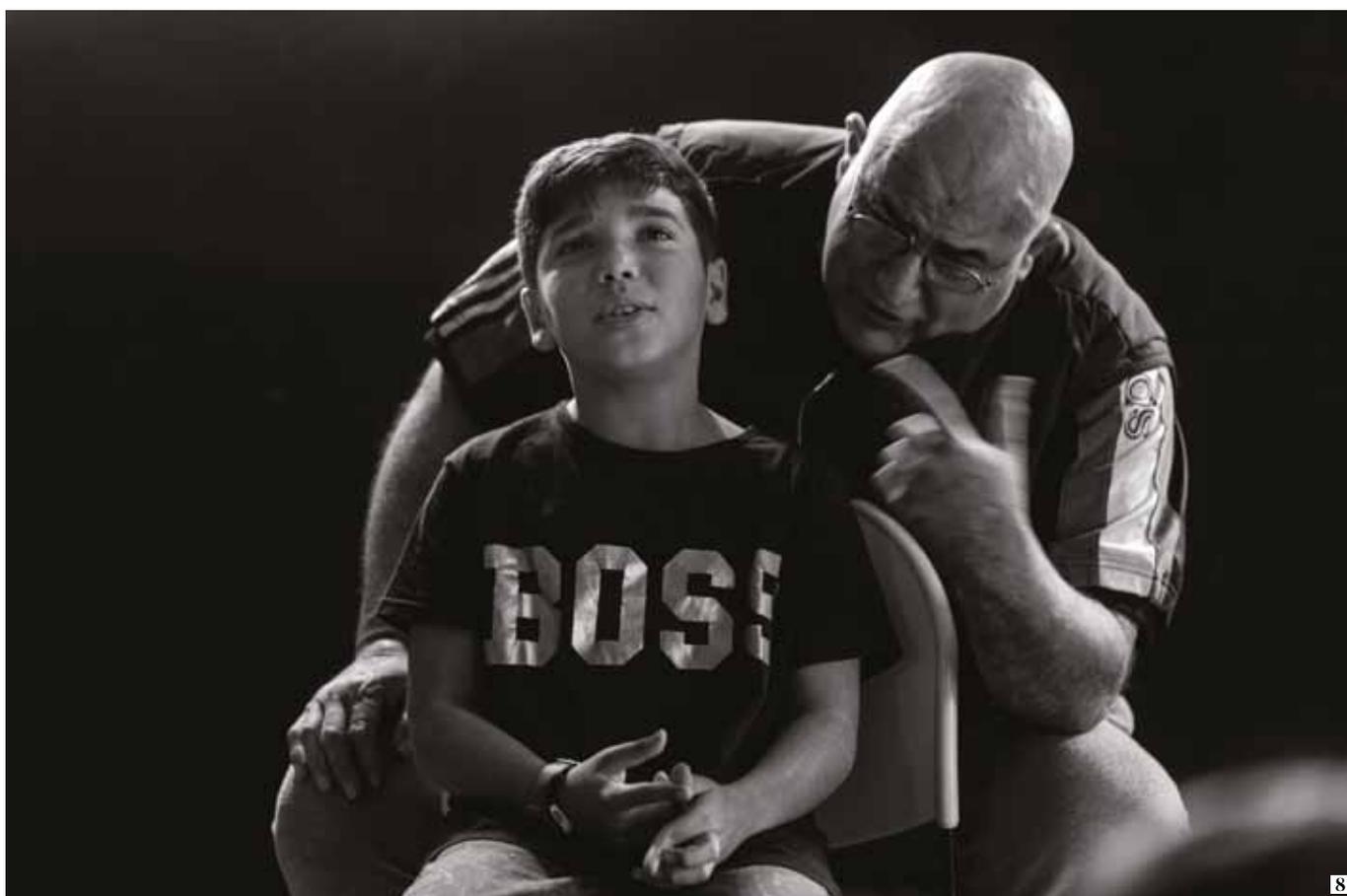
3







7



8

Legendas

1, 3 e 4 - Grupo Coral e Etnográfico Amigos do Alentejo do Feijó; 2 e 6 - Grupo Coral Feminino Cantadeiras da Essência Alentejana; 5 - Grupo Coral Feminino Alentejano Recordar a Mocidade; 7 e 8 - Grupo Juvenil de Cante Alentejano da Diáspora em Almada

AS RAÍZES DE SÃO JOSÉ CORREIA

"TIVE UMA INFÂNCIA MUITO FELIZ EM ALMADA"

Quem não conhece São José Correia? Estamos habituados a ver a atriz no palco do teatro, na tela do cinema, no pequeno ecrã, onde é presença assídua. Mas, a verdade é que descobrimos nesta pequena viagem por Almada Velha a sua ligação à cidade onde passou a juventude e onde descobriu a representação, na Companhia de Teatro de Almada.

Texto de Joana Mendes
Fotografias de Luis Filipe Catarino

A descoberta surgiu como forma de superar a timidez. "A minha ideia era ser advogada, por isso é que fui para o teatro, porque era demasiado tímida. Decidi que seria um bom exercício para mim". Um exercício que se tornou profícuo na vida da atriz, que conta já com cerca de 30 anos de carreira.

"Acho que essa vontade de ser advogada era influenciada pelas séries de televisão que víamos. As séries americanas onde o júri tem muita importância nos tribunais. Há sempre aqueles grandes discursos e acho que era um bocadinho isso que me

influenciava". O lado cénico das séries cativava, na altura, a jovem São José, que hoje garante "não ter nada a ver com leis". Também as aulas de teatro da irmã, a que assistia no nono ano, acabaram por influenciar a atriz rumo ao teatro e à representação. E foi precisamente no [Teatro Municipal Joaquim Benite](#) que marcámos encontro, na atual casa da Companhia onde fez a sua aprendizagem.

Começou com espetáculos infantis, convidada por Teresa Gafeira, "uma das minhas mestras". Seguiu-se o Curso de Formação de Atores da companhia onde acabou por ficar dez anos, fazendo parte do elenco fixo.

"Toda a minha aprendizagem foi feita aqui. Não só com o Joaquim [Benite], obviamente. Trabalhei com outras pessoas extraordinariamente importantes na minha vida. O professor Jorge Listopad, Rogério de Carvalho – que é um dos meus mestres e com quem estou a trabalhar –, Vítor Gonçalves, Francisco Costa, Maria Frade, António Assunção".

Percebemos a importância que tem para a atriz uma companhia onde todos contam. Uma companhia "é feita de muita gente e posso dizer que aprendi com muitas pessoas. Até com o mestre





Verdades [o mestre carpinteiro, diretor técnico do teatro] aprendi bastante porque me dava imensas dicas em relação ao mundo em que vivíamos e que era novo para mim. Toda a gente à nossa volta nos pode ensinar coisas”.

Seguimos viagem rumo ao Jardim do Castelo. No local, São José dirige-se rapidamente à Bela-sombra, a grande árvore que se encontra à entrada do jardim. É aqui que o sorriso franco de São José aparece. “Esta árvore foi muito importante na minha vida, na minha adolescência. Vínhamos namorar para o Jardim do Castelo e lembro-me, quando vinha alguém de quem não gostávamos, escondíamo-nos na árvore que na altura tinha mais troncos e era mais fácil de subir. Lembro-me de chegarem rapazes com quem tínhamos combinado coisas e, em vez de estarmos aí sentadas à espera, estávamos ali em cima. Se nos apetecesse confirmar o encontro descíamos ou, se não, mantínhamo-nos escondidas até eles se irem embora. Passei muitas horas nesta árvore.”

Filha de pais madeirenses que se instalaram em Almada, na zona antiga da cidade, São José é a mais nova de quatro irmãos. “A nossa casa era muito pequenina. Para brincarmos todos

tínhamos de ir para a rua, não podíamos brincar em casa. Quer dizer, podíamos, mas era um suplício para a minha mãe e para o meu pai. Até para nós”. São José recorda o tempo em que miúdos brincavam livremente na rua e da proximidade entre vizinhos. “Os pais não se preocupavam tanto connosco porque sabiam que estávamos protegidos. Havia sempre um vizinho a ver”, como a dona do gato Miró que, ao chamar o bichano em altos berros desde a janela, provocava uma algazarra entre a criançada que brincava na rua.

O Jardim do Castelo e o miradouro eram, assim, o palco de brincadeira dos miúdos. “Sempre se privilegiou este sossego que é estares num sítio seguro com esta vista extraordinária.” Uma paisagem que também podia ser usufruída a partir da Casa da Cerca, onde a atriz recorda as partidas de xadrez que jogava com o pai aquando da abertura deste edifício ao público.

A zona ribeirinha e o caminho que a atriz levava de Almada Velha ao Ponto de Encontro, em Cacilhas, faz igualmente parte das memórias de São José, que ainda sabe de cor o número de degraus da escadaria que liga o Largo da Boca do Vento ao Cais do Ginjal.

“Posso dizer que existiam 209 degraus. Houve uma altura da minha vida que descia, a seguir ao almoço, passava a tarde com os meus amigos, como não tinha dinheiro para jantar fora, voltava a subir, jantava em casa, voltava a descer e à noite voltava a subir. Fazia estas escadas quatro vezes por dia”, muitas vezes em direção ao [Ponto de Encontro, em Cacilhas](#), onde tinha aulas de capoeira, via espetáculos e estava com os amigos.

Ao longo da conversa com São José falamos de mudanças. De como mudamos, enquanto pessoas, ao longo da vida. De como a própria cidade muda. Falamos de um [Jardim do Castelo](#) que, na altura, era um largo amplo, aberto, sem o “corte” que a estrutura, hoje um restaurante, representa na integridade do jardim. De um miradouro da Boca do Vento que era, “todo branco e vermelho, feito de tijolo, com buganvílias enormes, antiquíssimas. Tinha uma tasquinha muito pequenina, uma coisa muito despojada”, mas que caracterizava o local.

Abandonamos o [Jardim do Castelo](#) com uma certa nostalgia que se desvanece quando nos dirigimos à [Capitão Leitão](#) onde São José Correia faz questão de visitar o Sr. Fernando, dono do [salão de jogos Bar Desporto](#) ou, como lhe chama a atriz, *A Padeirinha*.



Fã de snooker, São José Correia visita o salão de jogos da juventude

Foi lá que começou a jogar *snooker* para conhecer melhor um rapaz de quem gostava. “Entretanto, conheci-o e não lhe achei piada nenhuma. Mas fiquei totalmente viciada em *snooker*”. O Sr. Fernando também ficou para a vida. “Foi sempre muito meu amigo”, conta a atriz que, quando a mãe lhe pedia para ir comprar pão, o fazia a acelerar para ter tempo de fazer uma partida de *snooker* sozinha. “O Sr. Fernando deixava-me jogar sem as três bolas, sem abrir o contador, para não ter de pagar. Depois ia para casa com o pão. Foi muito meu cúmplice nestas jogatanas de miúda”.

São José manteve a paixão do *snooker*. “Já não jogo com tanta frequência, mas gosto muito de jogar. Aqui [no salão de jogos], no outro dia, não joguei *snooker*.

Joguei um jogo de matraquilhos com a minha sobrinha.”

Apesar de morar em Lisboa, São José regressa habitualmente a Almada, onde almoça com a mãe, onde joga matraquilhos com os sobrinhos no salão de jogos da sua juventude e onde volta ao palco de uma Companhia que a viu crescer. Vamos poder ver São José Correia no [Teatro Municipal Joaquim Benite](#), até 27 de novembro, na peça *O Medo Devora a Alma*, um texto de Rainer Werner Fassbinder encenado por um dos seus mestres, Rogério de Carvalho.

Agradecimentos
Salão de Jogos - Bar Desporto
Rua Capitão Leitão, 58 A, Almada

Percurso pela cidade de Almada, por São José Correia

- 1 Teatro Municipal Joaquim Benite
- 2 Jardim do Castelo de Almada
- 3 Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea
- 4 Escadaria entre Largo Boca do Vento e Cais do Ginjal
- 5 Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude, Cacilhas
- 6 Rua Capitão Leitão - Salão de Jogos - Bar Desporto



MOSTRA
NACIONAL



JOVENS
CRIADORES

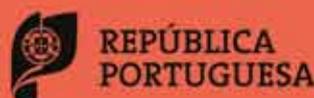
Está a chegar a Almada o festival onde jovens criadores de todo o país vão expor o seu trabalho

1 A 3 DE DEZEMBRO

FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA
CENTRO CULTURAL E JUVENIL DE SANTO AMARO



SABE MAIS AQUI



REPÚBLICA
PORTUGUESA



ipdj INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO E JUVENTUDE, I.P.

ORGANIZAÇÃO

GERADOR

PARCERIA



CMA

26^a MOSTRA de TEATRO ALMADA 2022

4 NOV - 2 DEZ

AUDITÓRIO FERNANDO LOPES-GRAÇA
AUDITÓRIO OSVALDO AZINHEIRA (AIRFA)
TEATRO-ESTÚDIO ANTÓNIO ASSUNÇÃO
CASAS MUNICIPAIS DA JUVENTUDE
INCRÍVEL ALMADENSE (SFIA)
SOLAR DOS ZAGALLOS
CASINO DA TRAFARIA
CASA DA CERCA



Ver programa completo em:
cm-almada.pt/mostra-de-teatro-de-almada-2022



Organização:
GRUPOS DE TEATRO
DO CONCELHO

CÂMARA
MUNICIPAL
DE ALMADA